

TOP! TOP!

21



OS QUADRINHOS GUERREIROS DE JÔ OLIVEIRA

Dono de um traço excepcional, que exprime em sua particularidade algo da arte primitiva, outro tanto das xilogravuras que ilustram os folhetos de cordel, Jô Oliveira é mais um testemunho da grandeza dos artistas gráficos de nossa terra. Mais conhecido na Europa que no Brasil, no entanto Jô tem um trabalho repleto de brasilidade, seja contando histórias das agruras do nordestino, da luta entre jagunços, “macacos” e cangaceiros, do misticismo entranhado na cultura popular, seja revendo narrativas históricas. É para homenagear a obra de Jô Oliveira e brindar os leitores que oferecemos esta edição do Top! Top!



Roteiro

2. Cartum. Sergio Más
 3. Os quadrinhos guerreiros de Jô Oliveira.
Entrevista de Jô Oliveira com Henrique Magalhães
 16. Zumbi. Jô Oliveira
 32. Hans Staden para brasileiro re-ver. Gazy Andraus
 38. Chamada Geral
 40. Lero-lero
-

TOP! TOP!

ISSN 1415-8558
Nº 21, 3a edição, abril 2023.
1ed.: out. 2006; 2ed.: nov. 2020.



Marca de Fantasia

Editor: Henrique Magalhães.

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A. João Pessoa, PB. Brasil. 58046-033.

www.marcadefantasia.com; marcadefantasia@gmail.com.

Colaboração: Gazy Andraus, Jô Oliveira e Sergio Más. Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações (textos, ilustrações e quadrinhos) são de propriedade e responsabilidade dos autores.

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto de extensão do Departamento de Mídias Digitais da UFPB.



Esta e seguintes: ilustrações do álbum *A Guerra do Reino Divino*, por Jô Oliveira

OS QUADRINHOS GUERREIROS DE JÔ OLIVEIRA

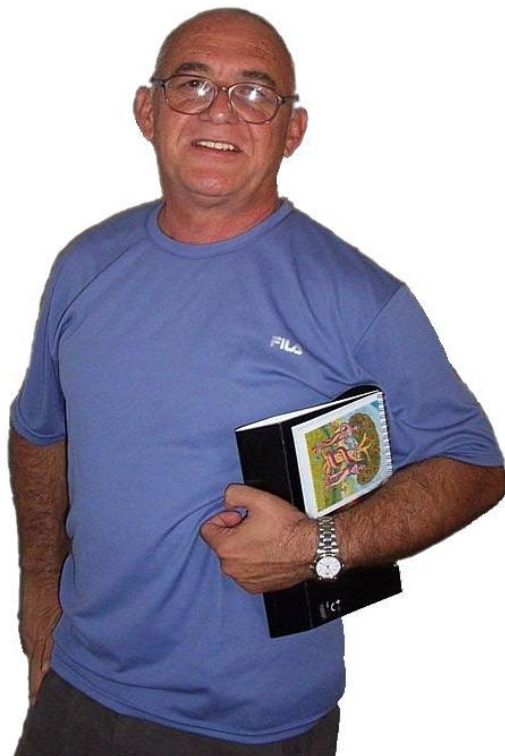
Durante o Salão Internacional de Humor de Teresina, em novembro de 2004, tivemos a chance de conviver com o quadrinhista e ilustrador Jô Oliveira, um dos mais autênticos e expressivos autores de quadrinhos brasileiros. Pouco conhecido em sua terra pelas novas gerações, Jô tem trabalhos publicados nas principais revistas em quadrinhos da Europa. Em seu trabalho a tônica é a presença marcante da cultura brasileira, suas histórias, seu traço inspirado nas xilogravuras das capas da literatura de cordel, de uma beleza poética e de uma personalidade pouco igualadas.

No Brasil publicou o álbum *A Guerra do Reino Divino*, pela editora Codecri em 1976, reeditado recentemente pela editora Hedra, além de histórias em *Versus Quadrinhos* e *Livrão de Quadrinhos* (1977), ambos lançados pela editora do jornal alternativo *Versus*. Em 2005 teve o álbum *Hans Staden: um aventureiro no Novo Mundo* lançado pela editora Conrad, um primoroso trabalho analisado mais adiante por Gazy Andraus.

Jô nasceu em 1944 na Ilha de Itamaracá, Pernambuco, onde viveu até os cinco anos de idade. Posteriormente morou em Campina Grande até os 13 anos e um ano e meio em Mamanguape, na Paraíba. Daí foi para o interior de Pernambuco, para o Mato Grosso e para o Rio de Janeiro, de onde partiu para a Hungria. Desde 1975 vive em Brasília, onde produz história em quadrinhos e ilustrações para livros infantis e selos postais. Entrevista realizada por Henrique Magalhães.

Em que época e como se deu sua passagem pela Europa?

Desde quando morava em Campina Grande eu já tinha muito gosto pelo desenho. Com 14 anos, quando estava no Mato Grosso do Sul, descobri que existia a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Então me preparei e



Jô Oliveira, mestre dos quadrinhos brasileiros

com 20 anos eu estava estudando na Escola de Belas Artes, como era meu sonho. Mas percebi que não era o que eu queria.

Eu tinha muita paixão por desenho animado e fiz, de forma amadora, alguns desenhos animados no Rio de Janeiro. Cheguei até a participar do festival JB-Mesbla, ganhei um prêmio de menção honrosa, e isso me deu oportunidade de ir a embaixadas procurar bolsas de estudo. Desse modo, consegui ir para a Hungria, onde fiquei por seis anos. Estudei desenho animado nos seis primeiros

meses, mas vi que não tinha base técnica para desenvolver o trabalho. Passei então a frequentar a Escola de Artes Industriais da Hungria. Estudei por um ano o idioma e depois Artes Gráficas, de 1969 a 1975.

Qual sua atividade profissional?

Ocupo-me apenas com desenho, não sei nem usar bem o computador.

Isso é impressionante! No Brasil, viver de desenho é algo fenomenal.

Em vivo de desenho em termos. Quando voltei para o Brasil fui morar em Brasília porque meus pais já moravam lá desde os anos 1960. Apesar do mercado restrito no Brasil e na época era ainda mais - percebi que a única maneira de sobreviver era com o desenho. Eu consegui entrar numa autarquia do Ministério da Agricultura, onde passei toda a minha vida trabalhando como desenhista e me aposentei, há dois anos. Trabalhei como desenhista oficialmente, mas meus livros eu fazia à noite. Eu vivia de desenho, mas não era o desenho que eu vendia.

No campo das Artes Gráficas, qual a abrangência de seu trabalho?

Quando voltei ao Brasil, a primeira coisa que fiz foi procurar os Correios, porque eu tinha uma grande paixão por selos. Desde meu primeiro encontro levei projetos de selos fictícios que eu havia feito na Hungria e eles me aceitaram. No ano seguinte eu já tinha selos lançados no Brasil e desde então todos os anos eu faço um ou dois selos. No mais, faço ilustrações para livros infantis, já fiz mais de 20 deles. Fiz livros infantis com Lucila Garcês, esposa do cineasta paraibano Vladimir Carvalho; recentemente enveredei pela área do livro paradidático. Pela Ediouro, lancei livros sobre arte brasileira e arte em geral.

Você também pesquisa e escreve?

Quando faço quadrinhos eu ousou escrever. Fiz dois livros infantis com meus textos, mas evito escrever. Normalmente eu faço a história, mas chamo um profissional para escrever o texto.



A partir de quando você se interessou pelos quadrinhos?

Desde criança, quando vivia em Campina Grande, quando a gente ia ao Cine Capitólio trocar revistas. Os quadrinhos sempre tiveram uma presença marcante na minha formação. O cordel também foi muito importante, tanto que quando eu resolvi fazer quadrinhos eu juntei a linguagem gráfica do cordel com a narrativa dos quadrinhos.

Isso é uma coisa muito original nos quadrinhos.

É interessante. Era uma coisa diferente. Eu comecei a publicar na Itália antes de terminar o curso na Hungria. Eu achava que ia ficar rico. Imagina, como estudante eu já fazia capa de revista italiana! Mas foi pura ilusão.

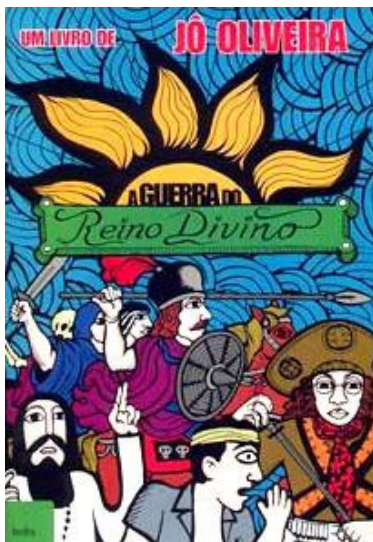
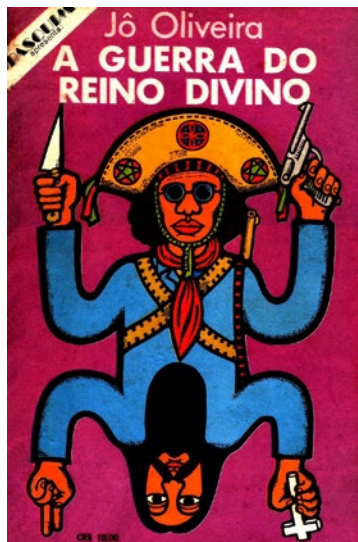
Além das capas você publicou quadrinhos na Itália?

Publiquei duas histórias na revista *Linus*, que na época era uma das mais famosas. Depois as histórias foram publicadas em vários países, na Espanha, Dinamarca, Grécia. O curioso é que tenho uma história em quadrinhos em que Lampião fala grego!

Na França saiu um livro sobre cangaceiros que ilustrei para um italiano com várias ilustrações coloridas, um livro grande que nunca foi publicado no Brasil.

O que você publicou no Brasil?

No ano seguinte a minha volta, Ziraldo, que eu tinha conhecido em 1973 no festival internacional de quadrinhos de Lucca, na Itália, juntou as três histórias que eu tinha feito até então e



As duas edições do álbum *A Guerra do Reino Divino*



lançou um álbum pela editora Codecri, que editava o *Pasquim*. Antes disso, o jornal *Versus*, de São Paulo, pegou a primeira história que eu tinha publicado na Itália, traduziu para o português sem me conhecer e publicou como encarte do número 1 do jornal.

Você deve estar se referindo ao álbum A Guerra do Reino Divino e à edição de Versus Quadrinhos, este em formato tablóide, com a história “Os quatro cavaleiros do apocalipse”. Exatamente. Essas histórias foram republicadas recentemente pela editora Hedra, de São Paulo, com o título *A Guerra do Reino Divino*. Também fiz outras histórias. A “Madeira Mamoré” foi publicada pela revista *Corto Maltese*. Depois fiz uma história de 64 páginas sobre Hans Staden, a partir de uma interessante pesquisa. Ela saiu em álbum pela editora Conrad, em preto e branco, apesar de o original ser colorido.

O trabalho colorido não sofre prejuízo com a reprodução em preto e branco?

Como eu também tinha um original em preto e branco, sugeri que acrescentassem tons de cinza, para o trabalho ficar mais interessante.

Cultura popular

Fale-nos de seu interesse em fazer quadrinhos inspirados na cultura popular.

Eu sempre tive um grande interesse pela cultura popular. Passei meus primeiros 15 anos de vida no Nordeste e isso foi muito marcante para mim. Não só o cordel, mas também os festejos populares, os brinquedos, tudo era ligado a manifestações culturais, populares e folclóricas. Quando eu ainda era bem criança, na Ilha de Itamaracá, lembro que participava do Bumba meu boi. Quando tive acesso aos quadrinhos, no Rio de Janeiro, vi que lhes

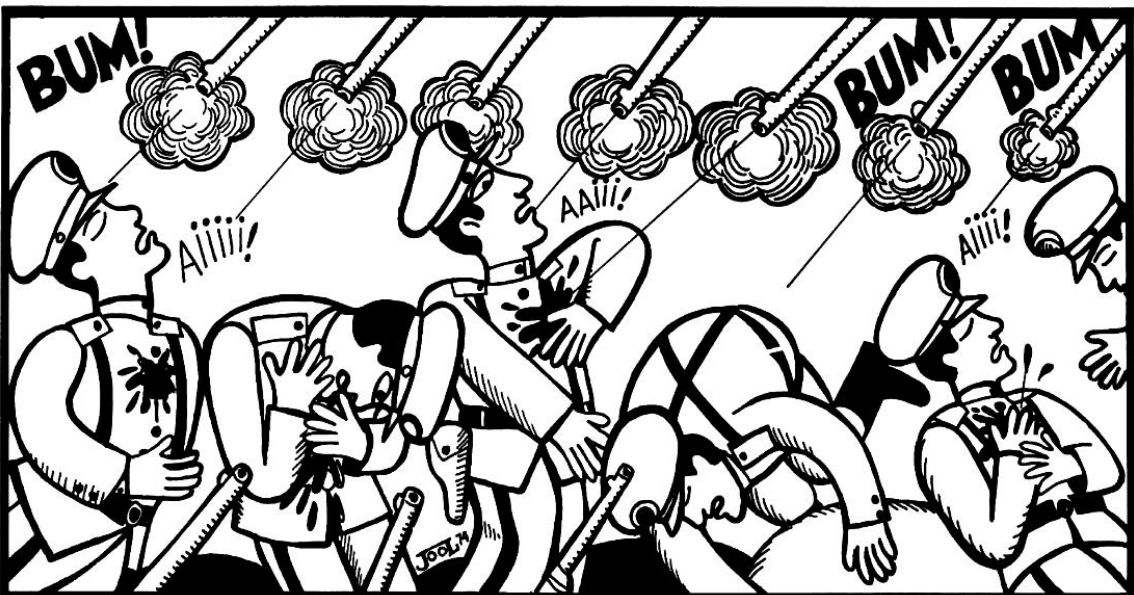
faltava alguma coisa; eu não queria ser apenas um repetidor do estilo americano, do estilo de fulano ou cicrano. Eu me dei conta que o interessante era me voltar às raízes, a tudo aquilo que me influenciou quando eu era criança, inserindo-o nesse meio de comunicação de massa. Foi isso o que fiz.

Eu tentei publicar aqui no Brasil, no Rio de Janeiro, antes de viajar, mas não tive nenhum sucesso, nenhuma editora se interessou por isso. Meu propósito, então, foi primeiro fazer desenho animado baseado em literatura de cordel, o que também não foi possível, porque desenho animado era muito caro na época.

Quando eu fui estudar na Hungria eu vi que eles davam muito valor a sua cultura popular, então eu fiz umas gravuras em linóleo, que é muito seme-

lhante à gravura em madeira, e senti que os professores gostaram. Então pensei que poderia transformar isso em quadrinhos. Quando apareceu uma oportunidade de viajar para o Festival Internacional de Quadrinhos de Lucca, que na época era um dos maiores do mundo, eu levei um *storyboard* que fiz para um desenho animado e mais essas gravuras. Assim conheci editores que se interessaram por meu trabalho e sugeriram que eu transformasse o *storyboard* em quadrinhos.

No Brasil há uma tendência de se copiar os quadrinhos de fora, quando se tem uma riqueza gráfica e um vasto universo imaginário que são desprezados. Você vai na contracorrente, utilizando a estética do cordel, da xilogravura em seus quadrinhos.



NESTA MESMA NOITE, A CIDADE COMEMORA COM GRANDE BAILE A VISITA DO REI DOS CANGACEIROS.



Acho que o problema é o desconhecimento dos jovens. A história que se estuda na escola é muito chata, cheia de nomes, de datas, contada pela classe dominante, pelos vencedores. Os jovens não têm acesso aos pontos de vista divergentes dos acontecimentos históricos, então essa falta de interesse faz com que a pessoa seja ignorante e influenciado pelo que vem de fora. A cultura de massa, principalmente a norte-americana, entra com muita força no país através da televisão, do cinema, dos quadrinhos, o que leva o jovem a não perceber a riqueza de nossa história.

Temos um país com muita diversidade, muita divergência, muitos conflitos, e esse desconhecimento faz com que a pessoa se apaixone pela forma do que vem de fora. O Brasil é um país que não tem escolas de quadrinhos, tem pouquíssimas escolas de arte e ainda por cima essas escolas, hoje na Univer-

sidade, desdenham o desenho; então a tendência do jovem é seguir um modelo que aparentemente é aceito por todo mundo. Ele entra nessa corrente, de ser mais um desenhista repetidor de um sistema; alguns dão certo.

Deodato Filho, por exemplo, que é um tremendo talento, é uma pessoa que nasceu aqui, mas a cabeça está nos Estados Unidos. Não estou falando como crítica. Eu gosto de Deodato, o trabalho dele é excepcional. Só não entendo a pessoa não se dar conta da riqueza cultural de seu país, não ter ânsia de transportar isso para seu trabalho. Eu sei também que meu trabalho é quase nulo, eu não poderia fazer uma revista mensal sobre essa temática, porque aqui no Brasil os quadrinhos só vendem quando tem a televisão por trás, ou quando tem um grande esquema de *merchandising* que sustenta o trabalho, como ocorre com Maurício de Sousa.

O que percebo nos jovens que frequentam a Gibiteca Henfil, em João Pessoa, é que eles tentam copiar os quadrinhos norte-americanos porque não têm uma sólida formação cultural, mas também porque acham que só assim é possível entrar no mercado. Dessa forma, o que acontece é a imposição do mercado, determinando um estilo. Deodato fala que quando for muito famoso vai tentar publicar os quadrinhos que gosta, com traço personalizado e não o que ele faz para os super-heróis. Não há realmente espaço para um tipo de trabalho como o seu?

Não, não há. Eu tenho outro livro em parceria com um amigo de Brasília que traz uma visão diferente de Canudos. Ele já teve duas edições na Itália, mas nunca achei editor no Brasil. A gente vê a editora como uma grande

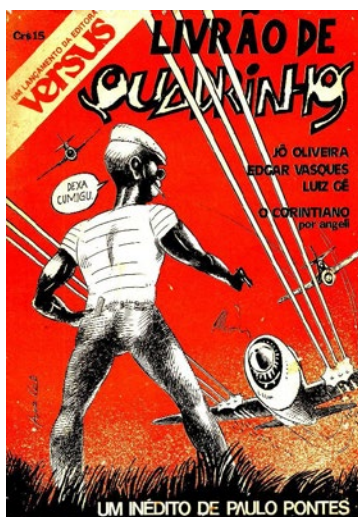
entidade cultural, mas nada mais é que uma empresa, que funciona para ganhar dinheiro. O editor é evidentemente inteligente, quer publicar as coisas que gosta, mas também tem que sobreviver.

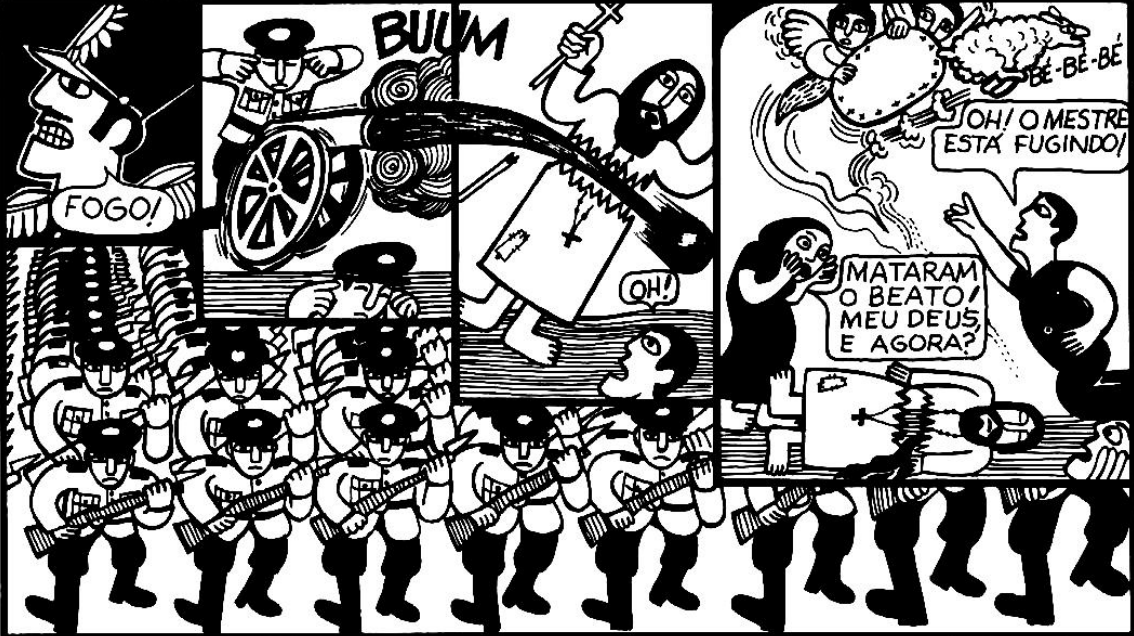
Quadrinhos na educação

Outro caminho para os quadrinhos seria abordar fatos históricos, como você fez com Canudos. Não se poderia aproveitar o potencial dos quadrinhos na educação?

Acho estranho que os quadrinhos ainda não sejam utilizados como instrumento pedagógico. Eu já estive no Ministério da Educação e Cultura MEC -, para propor a inserção dos quadrinhos na educação. A idéia se pautava em chamar quadrinhistas brasileiros para abordar temas atuais,

A editora Versus publicou duas HQ de Jô Oliveira





sobre drogas, sexo, cidadania, racismo. Pra mim, a principal função dos quadrinhos no Brasil seria ligar-se à educação, por exemplo, com a adaptação de grandes clássicos da literatura. Os quadrinhos têm um papel muito importante para despertar nos jovens o gosto pela leitura e a cidadania.

Esse projeto teria que necessariamente ter a participação do governo, porque se o MEC comprar as revistas e álbuns as editoras publicam. O que mais se vende hoje no Brasil é livro didático. Esses álbuns em quadrinhos não teriam que ser chatos, mas histórias com expressão própria, com a função de fazer um trabalho educativo sério sobre determinados assuntos latentes, que os jovens precisam tomar conhecimento por meio da linguagem dos quadrinhos.

Essa não é uma idéia só minha; muita gente já sugeriu isso, mas o governo não enxerga. O interessante é que até 1982 o MEC comprava esse tipo de quadrinhos, quando não existia uma grande produção. Mas agora nós temos um público disposto a ler quadrinhos e tem muita gente que é capaz de produzi-los, aliando-se o uso do computador, que facilitou muito a realização de certos tipos de trabalhos gráficos. Então se poderia fazer agora, este é o momento certo de utilizar os quadrinhos na educação.

Existe o desinteresse das editoras, que não investem nos quadrinhos, mas também a falta de uma política institucional, como você falou.

Essa política institucional tem que existir. O livro infantil brasileiro só existe hoje porque na década de 1970 houve uma resolução governamental de que as crianças teriam que ler; para atender a demanda dos novos leitores as editoras começaram a publicar. Não cabe ao governo fazer quadrinhos, mas abrir possibilidades para os quadrinhos, e quando isto acontecer, por meio de editais para compra de quadrinhos sobre determinados assuntos, com certas exigências artísticas, é evidente que vão aparecer muitas editoras dispostas a publicar.

Quando nós apresentamos o projeto a intenção não era fazer um produto com qualidade e conteúdo artístico, mas educativo. Por meio da linguagem visual também se faz educação. O brasileiro não dispõe de

conhecimento suficiente para fazer análise sobre uma imagem porque não estudou para isso. Ele pode dizer que gostou ou não gostou de uma imagem, mas não saberá explicar por quê. Vivemos afundados num mundo de imagem, mas não sabemos lidar com isso, não conseguimos verbalizar o que se vê porque não existe educação visual. Os quadrinhos e o livro infantil cumprem essa função, como os museus, que são raríssimos, também o fazem.

O que é necessário a que essa iniciativa se concretize?

Basta o MEC colocar nos seus editais, quando for comprar livros para as escolas, que precisam de álbuns sobre racismo, sobre cidadania, que sejam artisticamente bem elaborados e que



Selos que prestigiam a cultura popular

não tenha um texto chato, mas que concorram com os quadrinhos comerciais que estão na banca. Se fizer isso, como fizera com o livro infantil, tenho certeza que vai funcionar.

Quadrinhos e ilustrações

Você continua produzindo quadrinhos?

Tenho muita vontade de produzir quadrinhos, estou louco pra fazer quadrinhos baseados em contos de fadas dos Irmãos Grimm, de Charles Perrault e de Hans Christian Andersen. Parece contraditório com o meu trabalho, mas as histórias desses autores pra mim sempre foram brasileiras. Só aos 15 anos descobri que as histórias que eu escutava na infância não eram produzidas na Paraíba e em Pernambuco, eram histórias que vinham de fora, mas com um jeito totalmente nacional. Quando se falava em Joãozinho e Maria eu tinha certeza que a história tinha acontecido depois daquela serra no horizonte. É isso que faz com que os contos de fadas sejam um patrimônio da humanidade, porque sempre pegam sabores locais. Eu queria recontar essas histórias em quadrinhos, mas com sabor nordestino, com sabor do cordel.

O que falta para fazê-los?

Falta editora. Eu me aposentei e a

aposentadoria, ao contrário de nos livrar de muitos compromissos, agrega outras coisas, com muitas despesas, e a gente é obrigado a trabalhar não exatamente naquilo que gosta. Apesar disso, são trabalhos interessantes, porque procuro fazer sempre trabalhos que eu gosto. Produzi para o Ministério da Saúde o salão de humor sobre DST-Aids em Brasília, que foi um grande sucesso, com a participação de 50 países. Eu sempre procuro fazer trabalhos que tenham sentido social.

Trabalhos “artísticos” tomam muito tempo, porque você vai caprichar muito e no fim só vale fazer se tiver uma editora interessada, ou o trabalho tende a ficar na gaveta. Enquanto você faz isso, você deixa de fazer outras coisas boas também, e que dão dinheiro.

Você já criou mais de 50 selos. Como é o acesso a esse tipo de produção?

Eu tive sorte de ir morar em Brasília, onde está a central dos Correios. Quando eu estava estudando na Hungria o meu sonho era fazer selos no Brasil. Eu vejo o selo como uma peça muito especial, embora hoje ele não tenha tanta importância como antigamente. Há muitas coisas hoje que concorrem com o selo, como, por exemplo, os cartões telefônicos. Mas o selo é importante porque é quase como uma pintura feita para um museu, é uma peça que faz parte

da cultura oficial. O selo é difundido no mundo inteiro, entra em tudo que é catálogo, então isso dá satisfação ao desenhista. No selo, o original não tem grande importância, o mais importante é a reprodução.

Com qual tamanho você faz o original?

Geralmente faço no tamanho officio, que cabe no scanner. Só é preciso ter muito cuidado com os detalhes, porque podem sumir na redução. Mas a impressão da Casa da Moeda é muito boa. Num selo que fiz sobre a primeira edição do *Diário de Pernambuco*, da década de 1820, eu tive que redesenhar toda a página porque estava tudo fechado, pois era uma reprodução da reprodução. Eu copiei letra por letra da primeira página em papel vegetal. No selo, em uma pequena parte, aparece a página inteira do Diário. Se você pegar uma lupa, vai ler todas as palavras, não tem nada fechado.

Na filatelia há campo para outros ilustradores?

Os Correios estão totalmente abertos. Antigamente eu era chamado para fazer selos, hoje tenho que entrar na concorrência. É uma espécie de concurso. Tem umas 500 pessoas inscritas lá, mas qualquer uma pode se inscrever. Você entra em contato, manda seus trabalhos e aguarda que lhe chamem. São poucos selos editados por ano, uns 20 a 30. Eles escolhem no arquivo dos desenhistas os mais adequados para fazê-los, mandam propostas para três, que vão concorrer entre si.

Quais são seus projetos?

Além da adaptação para quadrinhos de duas ou três histórias de Hans Christian Andersen e Charles Perrault, eu gostaria de fazer ilustrações para cordel sobre Andersen. Além disso, pretendo fazer um trabalho em braile visual. Pode-se fazer o braile em relevo e visual, com as bolinhas



Ilustração do álbum *Hans Staden*, por Jô Oliveira

pretinhas, que tanto uma pessoa cega quanto qualquer outra possam ler, basta que a pessoa esteja preparada, com cinco horas de aula.

Existe desenho em braille?

Você pode fazer trechos do desenho. O cego tem muita dificuldade de juntar os pontos pra fazer imagem, principalmente o cego de nascença, mas é possível fazer pequenos trechos do desenho. Por exemplo, você desenha Pinocchio de perfil, com o nariz grande, então ele consegue sentir.

É um projeto que tenho faz tempo, mas é muito difícil achar uma editora interessada nisso.

Tem que ser institucional.

Seria interessante, mesmo porque parece que os livros em braille não podem ser vendidos, não existe um mercado para esse tipo de livro. Mas como agora as crianças cegas são inseridas na escola comum, é necessário que haja essa integração entre o que a criança cega lê e o que a criança não cega possa ler também.



Ilustração do álbum *Hans Staden*, por Jô Oliveira

ZUMBI

OS NEGROS ESCRAVOS TRAZIDOS PARA O BRASIL DURANTE SÉCULOS, FORAM SEMPRE VISTOS COMO CRIATURAS DOÇES, MANSAS E SOBRETUDO SEM O MÍNIMO ESPÍRITO DE REBELDIA E DE LUTA. A VERDADE É BEM DIFERENTE. NOSSA HISTÓRIA

TENTA MOSTRAR O CONTRÁRIO DO QUE FOI EXPOSTO ANTES. VAMOS MOSTRAR O QUE ACONTECEU NO QUILOMBO DOS PALMARES. DENTRE OS ACONTECIMENTOS HERÓICOS DA LUTA QUASE SÉCULAR CONTRA OS BRANCOS, SE DESTACA UMA PESSOA:

ZUMBI, O REI DOS PALMARES.



© JB OLIVEIRA

N.A. - NÃO HOUVE INTENÇÃO DE SE CONTAR A HISTÓRIA DE PALMARES. AQUI É APENAS UMA VERSÃO AUGMENTADA DOS FALOS REAIS.

INÍCIO DO SÉCULO XVII, NO PORTO DE RECIFE ...



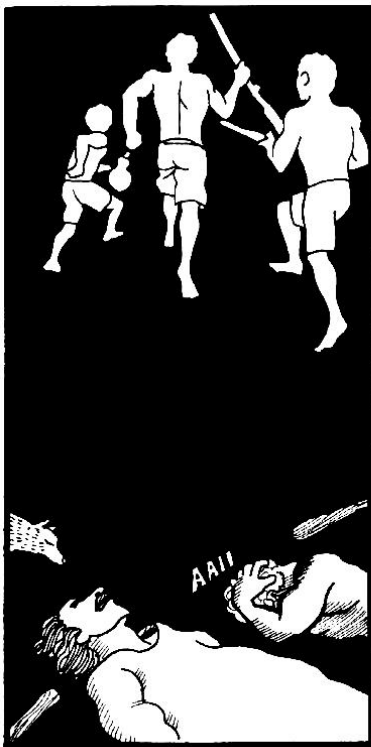
HQ publicada no *Livrão de Quadrinhos*. São Paulo: Versus, 1977

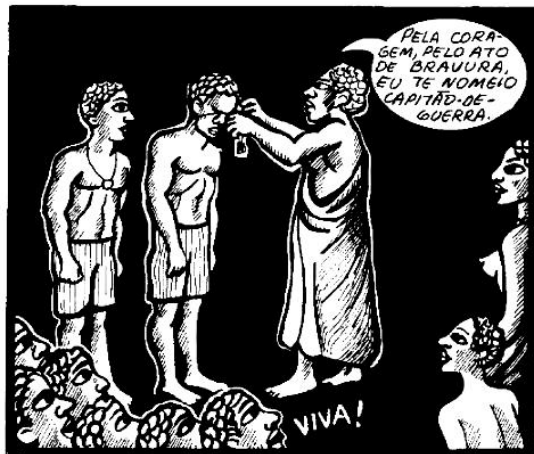
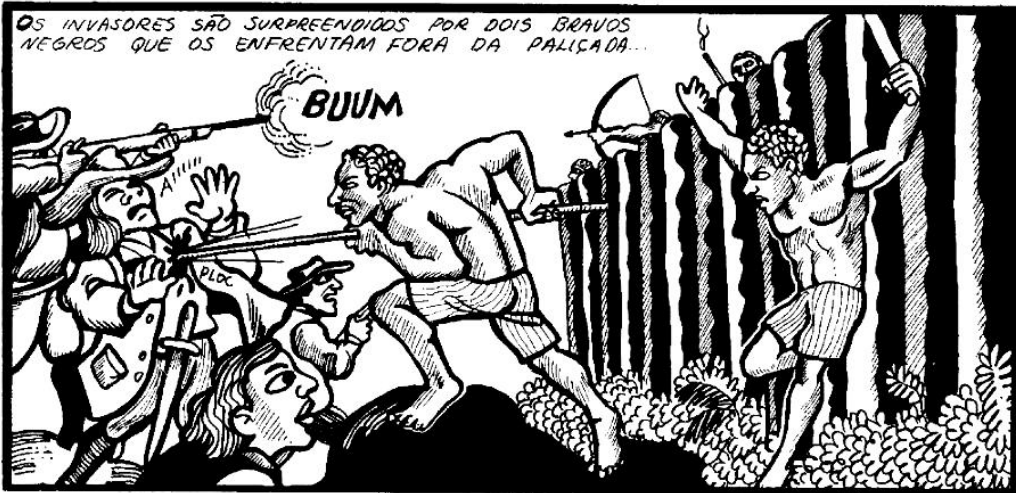


ANOS DEPOIS, NUMA FAZENDA
PERNAMBUCANA...













DEPOIS DE LONGA DISCUSSÃO,
AS DUAS PARTES CHEGAM
A UM ACORDO. O IMPORTAN-
TE PARA TODOS É O
ANIQUILAMENTO TOTAL
DE PALMARES.

COMANDANDO MAIS
DE 2 MIL HOMENS,
SEBUE O BANDEIRANTE



A VIAGEM PA-
RA PALMARES
LEVA ALGUNS
DIAS

70 QUINZE ANOS 76



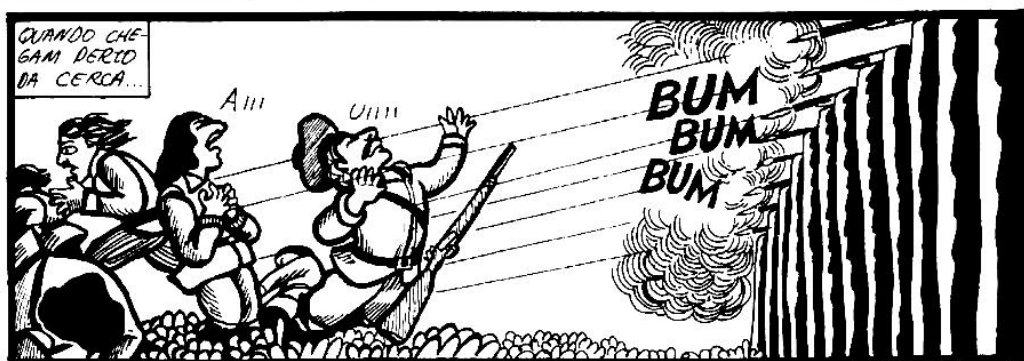
OS NEGROS
ESTÃO A
PAR DE TUDO



FINALMENTE
CHEGAM LA'

EIS A NOS
SA PRIMEIRA
VÍTIMA! O REDUTO
DE MACACOS. LA'
SE ENCONTRA O
GANGA ZUMBA.

O BANDEIRANTE
ORDENA QUE
SEJA ATACADO
O REDUTO.

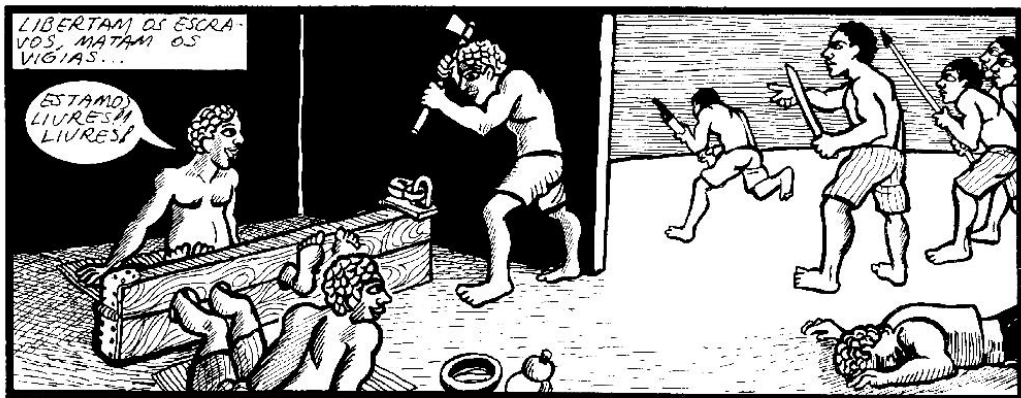


78 CALHEIRAS 78















Hans Staden para brasileiro re-ver!

Gazy Andraus

Atendência crescente no Brasil, em se editar obras de histórias em quadrinhos nos formatos de livros, que por sua vez são vendidos em livrarias normais e especializadas, em detrimento às tradicionais revistas HQ, não é algo novo na Europa (especialmente na França e Bélgica). Mas esta ampliação e gradual modificação nacional, de poucos anos para cá, traz a possibilidade de se estudar as transformações que estão se operando na aceitação das histórias em quadrinhos, não mais como subprodutos de fácil assimilação, e portanto “inúteis” e de “pouco conteúdo”, para um objeto de igual valor literário e informacional aos livros (e inclusi-

ve e principalmente de abordagens adultas), guardadas as diferenças peculiares de linguagens entre ambos.

Assim, o que falta, é um estudo mais apropriado destas distintas formas de informação, já que as histórias em quadrinhos se utilizam principalmente de imagens desenhadas em sequência para informar. Ou seja: as informações se dão, não só pelos textos fonéticos, em sua maioria das vezes encontrados nesta linguagem, como também pelos traços dos desenhos, cujos estilos variam de autor para autor. E os desenhos são outros tipos de “grafias”, que, somente agora, após a introdução dos estudos de atividades cerebrais por tomografias compu-



Ilustração do álbum *Hans Staden*, por Jô Oliveira



Página do álbum *Hans Staden*, por Jô Oliveira

tadorizadas, poderão ser realmente compreendidos quanto a seu valor e modalidades de grau de informação.

Uma das mais recentes obras lançadas no mercado livreiro, *Hans Staden: um aventureiro no Novo Mundo*, de Jô Oliveira, exemplifica a relevância das histórias em quadrinhos como fonte informacional, no caso, de divulgação histórica, porém de uma forma muito bem fluida. A leitura desta arte seqüencial remete o leitor aos primórdios da colonização brasileira, citando vários locais que fazem parte da história, como a Vila de São Vicente, Itanhaém e o Rio de Janeiro. Mostra a problemática situação dos portugueses, em manter a posse das terras contra os holandeses, mas também a diplomacia forçada com os índios, especialmente com os antropofágicos Tupinambás.

Hans Staden, o navegador alemão, feito prisioneiro desta tribo, usando sua inteligência e fé (aliadas à sorte), conseguiu manter-se vivo durante um tempo considerável, até sua fuga definitiva, para depois deixar o relato num livro que serviu como um documento importante retratando os tempos de outrora.

Porém, a quadrinização de Jô Oliveira, como numa adaptação cinematográfica bem dirigida, é levada com extrema fluência narrativa. O leitor principia a correr as páginas do livro envolvendo-se definitivamente com a

obra. Poucas histórias em quadrinhos conseguem tamanha fluência (os cinco volumes de “Os Passageiros do Vento” de François Bourgeon, infelizmente nunca publicados no Brasil, enquadram-se nesta categoria), e o autor, com maestria, leva a bom termo a proeza num trabalho impresso que, é importante frisar, já tem quinze anos de existência! “Hans Staden”, de Jô Oliveira foi publicada primeiramente em capítulos na revista italiana “Corto Maltese”, enquanto que outros títulos de Oliveira também foram publicados em vários países europeus, como França, Alemanha, Dinamarca, e também México, Grécia e Argentina.

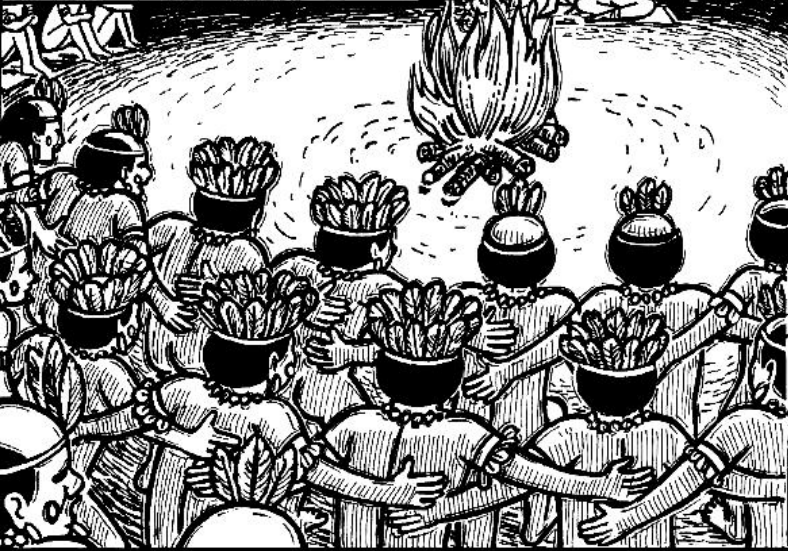
Este atraso brasileiro, no caso da obra aqui em pauta, reflete principalmente a questão do desprezo que vinha na formação intelectual nacional, acerca do potencial das histórias em quadrinhos.

Deve-se ressaltar, que um trabalho como este não é apenas uma extensão da leitura de um livro, ou um subproduto paradidático, mas sim, um objeto cultural de elementos constitutivos únicos, e que atuam distintamente na mente do leitor, agregando outras informações que jamais existiriam nas leituras exclusivas da escrita fonetizada.

Assim como um livro, sozinho, não pode encerrar e contemplar toda a informação necessária ao leitor, o álbum de quadrinhos igualmente não



À NOITE, APÓS A REFEIÇÃO, OS ÍNDIOS DANÇARAM EM VOLTA DE UMA FOGUEIRA, ENTOANDO SEUS CANTOS DE GUERRA E INVOCANDO A PROTEÇÃO DOS SEUS DEUSES...



Página do álbum *Hans Staden*, por Jô Oliveira

esgota o manancial informativo aos olhos do visualizador de suas páginas. Mas cada um destes dois objetos, interligados, podem ampliar e levar a formas distintas e complementares de entendimento, com dados que serão processados em conjunto na mente do leitor. O que resultará daí é uma riqueza de interposições que ainda precisam ser estudadas pela ciência atual. Os desenhos de Jô Oliveira, por exemplo, remetem a um estilo similar ao proporcionado pela xilogravura, e também a um estilo figurativo “naif”, sem deixar de ter suas proporções naturais e semi-caricaturizações próprias. Os traços são em preto e branco, realizados em nanquim, e

possuem uma expressividade similar aos desenhos encontrados também nos livros de cordel.

Todas essas qualidades direcionam-se ao leitor, incutindo nele seus atributos. Mas em muitos casos, uma alfabetização “icônica”, como quer o pesquisador francês e defensor dos quadrinhos Thierry Groensteen, far-se-ia necessária. Do contrário, todo o manancial que se encontra nas obras de quadrinhos (como esta em pauta), se torna pouco aproveitado.

Hans Staden: um aventureiro no Novo Mundo, além de uma elaborada história em quadrinhos séria, traz também um ilustrado posfácio do pesquisador e escritor Mustafa

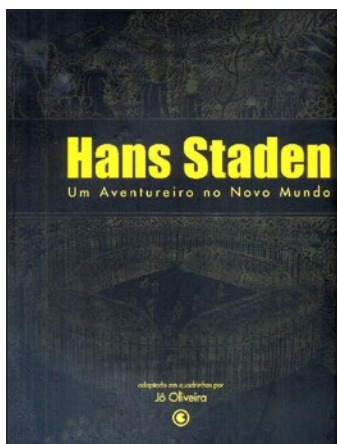


Ilustração do álbum *Hans Staden*, por Jô Oliveira

Yazbek, pontuando de forma didática a situação histórica vivida no Brasil do período retratado pela obra de Jô Oliveira, completando os graus de informação deste importante trabalho (enquanto que uma cronologia sucinta, abrangendo os anos de 1492 a 1580, fecha o álbum).

Se as escolas e faculdades brasileiras querem mesmo se atualizar e melhorar suas propostas didáticas, está mais do que na hora de passarem a enxergar trabalhos como estes,

utilizando-os completamente e de forma *sui generis* (não simplesmente como apêndices dos livros fonéticos). Afinal, o desenho acompanha desde antes da escrita a expressão humana, formatando e impingindo uma memória distinta na mente dos leitores, marcada por uma leitura icônica particular, fruitiva, e quase completamente passível de um entendimento mais aprofundado quanto à sua carga de influência cultural.



Hans Staden: um aventureiro no Novo Mundo
Jô Oliveira. São Paulo: Conrad Editora.
2005. 82p. 26,5x 21cm.

Gazy Andraus é pesquisador do Núcleo de Pesquisa de História em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da USP, Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP e doutor em Ciências da Comunicação da ECA-USP, e autor de histórias em quadrinhos autorais adultas, de temática fantástico-filosófica.

Chamada Geral

BioCyberDrama: quadrinhos e novas tecnologias

Edgar Franco é um prolífico criador de histórias em quadrinhos poéticas, onde desenvolveu ao longo dos anos um peculiar universo onírico e metafísico, pleno de questionamentos a respeito do homem e da alma. Sua evolução não só temática, mas também gráfica, se deu pelo exercício constante e publicação no circuito comercial e meio independente, seja em seus próprios fanzines, seja nos diversos títulos que circulam em todo o país.

Em paralelo aos quadrinhos, ele vem desenvolvendo pesquisas no campo das artes gráficas e das novas tecnologias, criando o que denominou de *hqtrônicas*, ou histórias em quadrinhos eletrônicas, numa simbiose da linguagem da arte sequencial com os novos meios eletrônicos, utilizando em particular os programas gráficos de computação. Estas pesquisas o levaram a trilhar o caminho das tecnologias de ponta e mesmo tomar conhecimento de experimentações que vão além das artes gráficas, chegando a propostas avançadas de interferência na dimensão humana.

O álbum *BioCyberDrama* é o resultado prático de seus estudos, traduzidos numa história em quadrinhos que sintetiza os conceitos por ele apreendidos. Para situar o leitor num universo tão extraordinário e futurista, Edgar tem o cuidado de apresentar um resumo de sua pesquisa, num texto de introdução e outro de conclusão, anexos à HQ. É muito interessante essa preocupação acadêmica de Edgar. Além de tornar acessível ao leitor um conhecimento bastante específico, dá sustentação teórica aos seus quadrinhos, tornando verossímil um universo fantástico e por demais excêntrico.

São raros os autores que têm essa preocupação. As histórias em quadrinhos de ficção científica em sua maioria ou exigem a cumplicidade cega do leitor ou caem nos clichês que beiram a banalidade. Edgar busca trabalhar com as previsões e projeções baseadas na realidade, desenvolvidas por estudiosos e artistas de vanguarda de todo o mundo.

BioCyberDrama é uma história que se passa na Terra em um futuro distante. Todos os problemas de alimentação e a miséria já foram resolvidos para os 100 milhões de habitantes. Há um alto nível tecnológico, com ênfase às experiências genéticas. Vivem no planeta três gêneros de habitantes: Os Tecnogenéticos, frutos de experimentações e hibridizações entre espécies animais e mesmo certos elementos cibernéticos; os Extropianos, para quem o corpo orgânico tornou-se obsoleto e a consciência é transferida para entidades robóticas; e os Resistentes, que são os seres humanos biologicamente não modificados.

Há a hegemonia dos Extropianos, perfazendo 70% da população, frente a 5% dos humanos. O conflito se dá por causa dos Tecnogenéticos radicais, que visam destruir os centros

de pesquisa e estações de vida dos Extropianos.

Em *BioCyberDrama*, Edgar toca no ponto central de toda a história da humanidade, que é a luta pela preservação da espécie, a resistência às transformações, o jogo de poder político e tecnológico. Um final surpreendente vem mostrar a posição clara do autor frente ao fascínio encantatório das novas tecnologias e o anseio do homem na busca da eternidade.

Esse gênero de quadrinhos vem sendo desenvolvido por Edgar não só enquanto conceito literário, mas também no traço magnífico que caracteriza sua obra. Para este trabalho, porém, ele divide os créditos com o célebre quadrinhista brasileiro Mozart Couto, que tem vários trabalhos publicados no Brasil e no exterior. Esta parceria é muito interessante, pois possibilita uma permuta que só engrandece o trabalho de ambos, além de oferecer ao leitor uma nova leitura gráfica do universo mítico de Edgar. Por tudo isso, *BioCyberDrama* é um álbum que se consagra em nossa história em quadrinhos pelo arrojado projeto conceitual e gráfico. HM.



BioCyberDrama

Roteiro: Edgar Franco.

Desenhos: Mozart Couto.

Coleção Opera Brasil, 16. Vinhedo, SP:
Opera Graphica Editora. 2003. 82p.
21x28cm.

Coragem

Meu caro Henrique, o motivo desta é comentar sobre o livro de Laerçon Santos, *The Paraibanos de Subúrbio*. Uma bela edição, mais voltada pras novas gerações. Ao mesmo tempo em que você é capaz de recuperar a obra gráfica de Luzardo Alves, um veterano infelizmente esquecido, também tem a coragem de testar os novos. Que a vida não é feita só de *memorabilia*, não é? Meus parabéns pela coragem.

Lembro muito bem da revista *Balão*, que em 2004 ano comemorou 30 anos de lançamento, que publicou quadrinhistas ainda no berço. Se formos olhar os desenhos da *Balão* veremos que são ruins, embora já apontem para o futuro. Já se nota que vários dos integrantes iriam ter futuro, como já é patente. E Laerçon é coisa para o futuro, está mais que certo. E alguém precisa publicar, se não temos mais a *Balão*, temos sua editora. Enfim, o mundo não pode parar.

Claro que Laerçon ainda tem muito que caminhar. Ele deve se livrar da influência de Angeli, de Ciça (do *Pato*), enfim, como qualquer cartunista, ele está apenas começando. E você teve a coragem de tornar viáveis estes primeiros passos. Tenho certeza que logo-logo ele estará ombreando com aqueles que o influenciaram.

A finalidade principal de minhas publicações é mostrar pro povo de hoje as obras embrionárias dos grandes talentos da atualidade, para dizer com isso que ninguém nasceu pronto. Daqui a uns 30 anos alguém estará citando este álbum

de Laerçon como obra embrionária que é. Mas aí ele já estará entre os medalhões do seu tempo. Que seja!

João Antonio B. Almeida
Campinas, SP

É justamente esta uma de minhas propostas com a Marca de Fantasia, descobrir os talentos em broto e tornar sua arte acessível. Laerçon já tem uma ampla inserção nas publicações independentes, mas a reunião de seu trabalho em livro pode alcançar um outro público, que habitualmente não tem acesso à maioria dos fanzines. No mais, assumo o risco de lançar trabalhos tão novos porque, além de gostar, encontro neles um toque de criatividade e, por vezes, ruptura, tão necessários ao movimento das artes.



Independente

Você não faz idéia da felicidade ao ler o Top! Top! número 20. É uma edição animadora. Você logo se tornará nosso embaixador das Américas. Uma ponte com “los hermanos” cuja discussão em torno da produção dos nossos quadrinhos vai tomar força e fôlego.

A produção independente, como vem acontecendo, já é uma realidade no Brasil, vide a Marca de Fantasia, Pada, Manicomics, Wellington Srbek, Cedraz, com a Turma do Xaxado. Afora os latinos. Isso é um processo irreversível que os autores de quadrinhos devem tomar ciência.

Enquanto isso... Zine-se. É Fortaleza tomando forma cada vez maior como produtora de quadrinhos, fazendo pensar e executar. Parabéns a Fernanda Meireles e sua iniciativa.

José Valcir. Olinda, PE

Os ventos são realmente animadores, mas é preciso coordenação. Uma distribuição racional poderia ampliar ainda mais nosso campo de atuação. Creio na urgência de um fórum para se discutir os rumos da produção independente no país.

Trajatória

A mais nova edição de *Maria*, comemorando seus 30 anos de publicação é uma bela edição bela e nostálgica que é também testemunho de seu trabalho sério e coerente. Nós, leitores de



quadrinhos, temos o hábito de atribuir vida aos personagens, mais do que aos autores. No caso de *Maria*, a verdadeira celebração é sua. Você é o verdadeiro homenageado. Quem me dera criar um personagem de durasse tanto tempo, a ponto de ganhar vida própria!

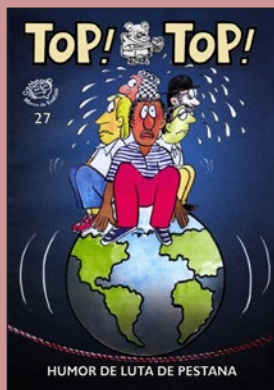
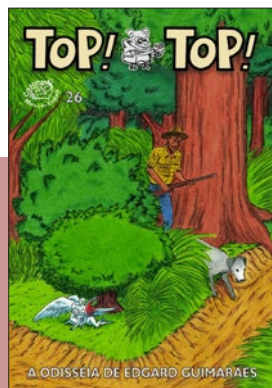
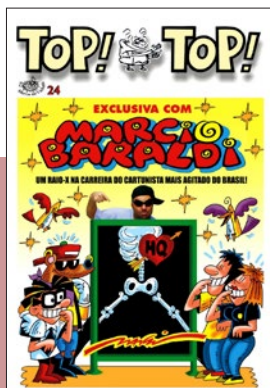
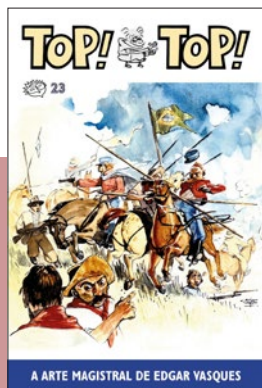
Curiosa a relação de afeto que acaba surgindo entre autor e personagem. Às vezes é uma relação de amor e ódio. Seja como for, o personagem acaba ganhando um “status” de ser vivo.

Parabéns a você, Henrique! Nesses trinta anos, o mérito é todo seu. Agradeço por me deixar compartilhar dessa caminhada que, a despeito de todas as imposições comerciais e capitalistas de nosso tempo, é de fato uma trajetória de sucesso.

Marcelo Marat. Belém, PA

Foi realmente uma grande viagem nostálgica fazer essa edição de *Maria*. Revi com admiração e orgulho o percurso de sua luta pela liberdade e afirmação. Personagem e autor se confundem nessa travessia.

LEIA OUTRAS EDIÇÕES DO FANZINE TOP! TOP!



Marca de Fantasia
Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
João Pessoa, PB. Brasil. 58046-033

<https://www.marcadefantasia.com>